

RURAL FLORESTAL



SAEF DIGITAL: DESAFIOS EM PAUTA

PET FLORESTA UFMG

Conheça o grupo de
Engenharia Florestal
da UFMG

RICARDO NOGUEIRA

Gestor da Floresta
Nacional Mário
Xavier

ROGÉRIO LUIZ

Professor do
Departamento de
Silvicultura

PET NOS EVENTOS

SNCT, RAIC,
ENAPET e SIGABI

5 | COLUNA

CONHECENDO O PET FLORESTAL UFMG

Apresentamos o grupo PET Engenharia Florestal da Universidade Federal de Minas Gerais.

14 | CAPA

SAEF DIGITAL: DESAFIOS EM PAUTA

Um panorama sobre a XX SAEF da UFRRJ

10 | ENTREVISTA

RICARDO NOGUEIRA

Uma conversa com o atual gestor da Flona MX

20 | ENTREVISTA

PROF. DR. ROGÉRIO LUIZ DA SILVA

Professor vinculado ao Departamento de silvicultura conta um pouco da sua trajetória

28 | ARTIGO PET NOS EVENTOS

SNCT (Semana Nacional de Ciência e Tecnologia), VIII RAIC (Reunião Anual de Iniciação Científica da UFRRJ), SIGABI (10° Simpósio de Gestão Ambiental e biodiversidade, ENAPET XXVI Encontro do Programa de Educação Tutorial.

DISPERSORES AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO

Uma série de animais frugívoros atuam como dispersores de sementes, auxiliando na propagação das espécies florestais e em alguns casos, através da manipulação da semente e do fruto, ajudando na sua germinação. Contudo, muitos desses importantes dispersores se encontram em risco de extinção.

Tucano-de-bico-preto

Ramphastos vitellinus



CONHECENDO O PET FLORESTAL UFMG

História

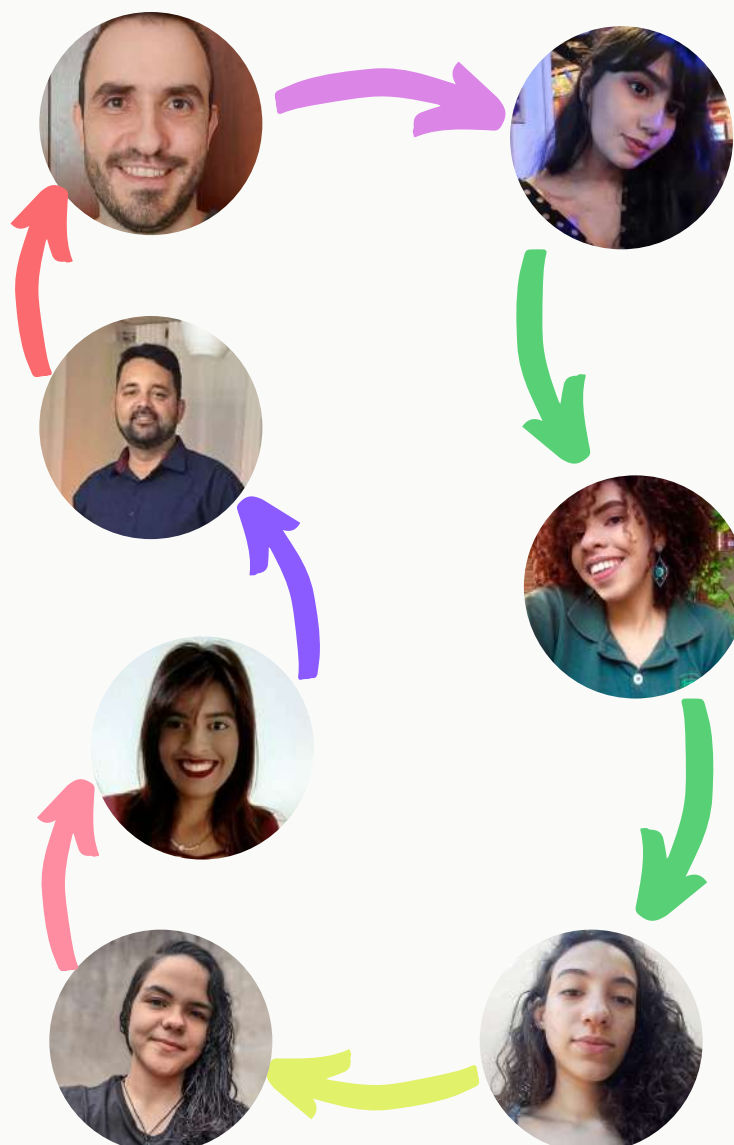
 Julia Rodrigues

O PET Florestal UFMG iniciou suas atividades em 2013 e é um PET curso composto por alunos graduandos em Engenharia Florestal da Universidade Federal de Minas Gerais, campus localizado em Montes Claros. As atividades e o histórico do grupo são os motivadores de sua escolha para compor essa edição.

O grupo atualmente é composto por 6 discentes e 1 tutor, sendo eles: Álvaro Leão, Anne Barros, Ariane Nogueira, Maria Rita Nascimento, Nayara de Souza, Vitória Costa e o tutor Christian Dias Cabacinha, que é professor do curso de Engenharia Florestal e também Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais na UFMG.

Desde o início da sua atuação, o grupo destaca o desenvolvimento das atividades de pesquisa, ensino e extensão, promovendo também a integração e inserção do grupo no contexto da Universidade. Essas ações visavam ressaltar a importância do grupo no desenvolvimento de atividades extraclasse para a consolidação do conhecimento e para o desenvolvimento de uma ampla formação técnica e cidadã.

Muitos eventos nestes anos iniciais foram organizados, como ciclos de palestras, workshops, visitas técnicas, dias de campo, minicursos, dentre outras atividades, muitas delas com ampla participação de alunos da UFMG, de outras instituições e também profissionais da área.



Outro momento marcante da trajetória do grupo foi a criação de dois projetos de extensão, o PET Neutraliza que visa quantificar as emissões de carbono de eventos e neutralizá-las com plantio de árvores e o Projeto Curupiras, que busca desenvolver atividades lúdicas com crianças, trabalhando principalmente a educação ambiental. Estes projetos são um importante marco, pois, além de serem reconhecidos institucionalmente, receberam premiação por sua relevância acadêmica.

Ainda nesta fase do grupo, outra atividade de destaque foi iniciada, o dia F, uma atividade de cunho integrador, onde ex-alunos retornaram ao ambiente universitário para relatar suas experiências aos alunos ingressantes.

A partir de 2019, o grupo compreendeu a necessidade de ter maior foco em ações que contribuíssem com a melhoria da qualidade do ensino. Contudo, propuseram a criação de um núcleo interno, onde os membros do PET Florestal dedicam-se no desenvolvimento de materiais didáticos com supervisão de professores.

Este núcleo desenvolve maquetes, apostilas com exercícios resolvidos e outros materiais que são usados em disciplinas de alta reprovação do curso de Engenharia Florestal.

Projetos

Os projetos do grupo são baseados na tríade ensino, pesquisa e extensão. Da extensão, destaca-se o Florestalk, um podcast criado pelos petianos durante o período de pandemia, disponibilizado em plataformas de streaming, como o Spotify. Nele, o grupo traz bate-papos com profissionais relacionados à Engenharia Florestal e abordam temas relevantes da área, como por exemplo, atuação do profissional em Engenharia Florestal, o papel da mulher no setor agrário, dentre outros temas que ainda estão por vir.

Há também o projeto "Curupiras" e o "Neutraliza", citados anteriormente, ambos são atividades que possuem caráter presencial.



Portanto, o projeto Neutraliza, encontra-se com as atividades suspensas até que haja o retorno das atividades, e principalmente, eventos presenciais.

Já o projeto Curupiras pôde ser adaptado para o contexto da pandemia, com isso, as atividades lúdicas de educação ambiental foi trabalhada a partir de vídeos animados, contendo, ao final, uma atividade com pintura, desenho, reciclagem e artes manuais relacionadas com o tema abordado.

Quanto às atividades de ensino, o grupo possui o Núcleo de Tecnologias Educacionais (PET-NUTE), integrado por alunos do PET e demais alunos que desenvolvam trabalhos de monitoria/tutoria. Este núcleo produz materiais alternativos visando auxiliar no processo de ensino-aprendizagem para conteúdos de diversas disciplinas do curso.

Ainda no âmbito do ensino, o grupo realiza palestras e minicursos, para as quais busca-se trazer temas atuais que são abordados superficialmente em disciplinas ou não são contemplados ao longo do curso.

Visando também promover o interesse pela investigação científica e desenvolver habilidades e competências para a pesquisa, cada petiano escolhe um professor orientador, e com ele desenvolve um projeto ou uma etapa de um projeto de pesquisa, devendo apresentar seus resultados em eventos da instituição ou em outros eventos de maior abrangência, além de potencialmente gerarem produtos e pesquisa, como artigos científicos.

Pandemia COVID-19

A pandemia mudou boa parte da forma de atuação do grupo, uma vez que todos os projetos e atividades eram realizados de forma presencial e/ou dependiam de público para acontecer, como no caso de palestras e ações de extensão. Os projetos de pesquisas também foram impactados pela pandemia tendo atividades suspensas por grande parte do tempo

No entanto, embora todas as dificuldades e tristezas provocadas pela doença, viver e ter que seguir em frente neste novo contexto foi um momento de quebra de paradigmas para o grupo. Devido a nova realidade, o grupo transformou as palestras e minicursos, antes realizados de forma presencial, em eventos online, aumentou uso das redes sociais para divulgação de eventos e realização de ações, como lives no Instagram. Houve a criação do podcast Florestalk, além de parcerias com escolas municipais para implementação das atividades de educação ambiental do projeto Curupiras.

Assim, grupo PET Florestal acredita que *"Essa nova forma de abordagem das ações foi, de certa forma, positiva, pois com esse formato, nossas ações expandiram sua abrangência de uma escala local para uma escala nacional e internacional."*

Contudo, os petianos destacam que mesmo neste novo momento, com o Programa Nacional de Imunização avançando e com a possibilidade de um retorno gradual de atividades presenciais, o grupo ainda pretende continuar com essas atividades sendo conduzidas de forma remota

Impacto do Programa PET

O grupo acredita que o Programa PET tem, a partir de sua atuação, contribuído para a formação profissional dos integrantes do grupo, trazendo novas perspectivas e conhecimentos teóricos e práticos que não são adquiridos nas disciplinas, além de contribuir para a formação humana dos membros, buscando formar não só Engenheiros Florestais, mas também cidadãos críticos, conscientes e com valores éticos bem estabelecidos.

Em relação ao curso, a atuação do grupo visa contribuir para a melhoria do ensino da graduação através da disponibilização dos materiais didáticos desenvolvidos, pela atuação dos petianos em programas de monitorias/tutorias, e também por proporcionar aos discentes do curso a possibilidade de complementar a formação e expandir seu conhecimento.

Por fim, para a comunidade externa, o grupo busca atuar na formação de cidadãos com maior consciência ambiental, levando temas relevantes e destacando a importância da conservação ambiental, para o público adulto e infantil. Ademais, essa interação também se dá através das ações sociais e solidárias, como doação de mantimentos, brinquedos e roupas para pessoas em situação de vulnerabilidade social e a doação de sangue para abastecimento dos bancos de sangue locais.

Mensagem para quem quer participar do Programa PET

O grupo deixa um recado especial para aqueles que se interessam em participar do programa PET *"...é uma oportunidade para viver novas experiências e desafios, que irão contribuir para a formação profissional e humana. Além disso, é um momento de autoconhecimento onde começamos a identificar quais competências comportamentais e técnicas são nossos pontos fortes e quais ainda precisam ser desenvolvidas. O programa também proporciona um ambiente de trabalho onde temos que aprender a lidar com a diversidade humana, com respeito e ética, o que contribui ainda mais para o desenvolvimento das nossas potencialidades profissionais."*





Jacutinga

Aburria jacutinga

GESTOR DA FLONA MÁRIO XAVIER, RICARDO NOGUEIRA

 Emily Moraes

Localizada no estado do Rio de Janeiro, no município de Seropédica, aquela que hoje conhecemos como Floresta Nacional Mário Xavier já teve muitos nomes e a sua história implica uma série de mudanças, até mesmo no que diz respeito ao seu uso e função, iniciando-se em 1945. Hoje é classificada como uma unidade de conservação (UC) e atualmente é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Diante da importância desse lugar, entrevistamos o seu atual gestor, Ricardo Nogueira a fim de conversar mais sobre a história da FLONA, seu atual funcionamento, e também como é a relação da UC com a comunidade de Seropédica.

Ricardo já está à frente da gestão da Floresta Nacional MX há 7 anos, possui bacharel licenciado em Geografia, também é mestre em Geografia e hoje tem 57 anos de idade.

Neste ano de 2021 em que a FLONA completou seus 35 anos, poderia nos contar um pouco sobre a origem da Flona MX, sua importância e como se deu o processo para se tornar uma UC?

O panorama histórico de uso e ocupação na área onde hoje se situa a FLONA Mário Xavier tem relação direta com a dinâmica territorial na formação das cidades, distribuição das terras produtivas da fazenda Santa Cruz e com a própria história da expansão e dinâmicas de ocupação do Rio de Janeiro.



Na década de 40, o Presidente da República, Getúlio Vargas, decidiu alavancar o desenvolvimento econômico para a região, criou vários assentamentos rurais em terras que pertenciam à Fazenda Nacional de Santa Cruz, entre eles o Núcleo Colonial de Santa Cruz, almejando o desenvolvimento da agricultura e pecuária na região, atividades que permitiriam as instalações do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas, que estariam subordinadas a Escola Nacional de Agronomia e a Escola Nacional de Veterinária, precursoras da atual Universidade

Federal Rural do Rio de Janeiro.

[...] Registra-se, nesse período, no campo de recursos florestais a criação de um Horto Florestal, localizado estrategicamente próximo a Escola Nacional de Agronomia, cujos objetivos principais estavam voltados à experimentação, demonstração e divulgação de práticas silviculturais, mas também à produção de mudas de essências nativas e exóticas.

[...] Em junho de 1945, assume o cargo o Engenheiro Agrônomo Mário de Figueiredo Xavier, funcionário do Ministério da Agricultura, como administrador do Horto Florestal de Seropédica.

Assim sendo, em 15 de setembro de 1945, excelentíssimo Sr. Presidente da República, Getúlio Vargas, descerra o laço inaugural do Horto, com o nome de Horto Florestal de Santa Cruz, com área de abrangência de aproximadamente 1250 ha.

[...] Ressalta-se que, no ano de 1954, o Horto Florestal de Santa Cruz passou a denominar-se Estação Florestal de Experimentação de Santa Cruz.

Além disso, foram cedidos no final da década de 50, aproximadamente 750 ha de terras localizadas dentro da área inicial do Horto Florestal com a finalidade de estabelecer o Núcleo Colonial de Santa Alice. Sendo assim, a Estação Florestal de Experimentação de Santa Cruz foi reduzida a 500 ha aproximadamente.

A Estação Florestal de Experimentação de Santa Cruz passou a se chamar Estação Florestal de Experimentação Engenheiro Agrônomo Mário Xavier, em homenagem ao administrador Dr. Mário Figueiredo Xavier, a partir de 27 de setembro de 1970.

[...] Através do Decreto Federal n.º 93.693 de 08/10/86 a Estação Florestal de Experimentação

Engenheiro Agrônomo Mário Xavier é transformada em Floresta Nacional Mário Xavier, com finalidades econômicas e sociais, abrangendo uma área de aproximadamente 493 hectares.



Quais atividades são desenvolvidas dentro da Flona MX? Nesse período de pandemia todas as atividades continuaram? Houveram adaptações e/ou atividades online?

Quanto às atividades na UC, tivemos no ano de 2020 um longo período de fechamento das UCs Federais, mas já estamos preparados para a abertura e visitação possivelmente no início de 2022, dando continuidade nas pesquisas que são desenvolvidas na UC. No entanto, as atividades de educação ambiental que eram desenvolvidas pelo Programa de Extensão Guarda Compartilhada Flona MX adaptou as atividades de trilhas presenciais para trilhas virtuais, sendo oferecida a mediação da atividade pelo Youtube a todas as escolas do Estado do Rio de Janeiro.

O que significa a criação da cartilha e do site "Flona Mario Xavier: Entre histórias e memórias?" para a UC e para a comunidade de

Seropédica? E de onde surgiu a ideia da confecção desse material?

O trabalho de levantamento e investigação da memória da UC vem sendo desenvolvido pela professora Karine Bueno Vargas do Departamento de Geografia da UFRRJ, juntamente com sua orientanda Tamiris Souza, elas identificaram o grande acervo documental que a FLONA Mário Xavier possui, e sempre comentam que é necessário que mais pesquisadores venham estudar a história e a memória da UC. A cartilha representa a primeira etapa desse trabalho desenvolvido, e o site é a continuação do trabalho no qual elas vêm tentando digitalizar o máximo de materiais e acervos da UC para deixar registrado, bem como registrar as ações do Programa de Extensão Guarda Compartilhada FLONA MX.

Vale destacar o trabalho de entrevista com antigos servidores e moradores do Horto Florestal de Santa Cruz, na tentativa de valorizar a memória viva de quem colaborou para a construção da FLONA MX, assim, elas dão voz à história

socioambiental dessa floresta, sendo de suma importância esse levantamento para valorização do patrimônio histórico, cultural e socioambiental da UC, sendo um grande presente a toda comunidade seropedicense.

Quais projetos começaram a ser desenvolvidos no seu período de gestão?

O início da minha gestão coincidiu com a conclusão das obras do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro, a qual contou com muitas etapas de avaliação de ações relacionadas a compensações ambientais, oriundas de processos de minimização de impactos ambientais. Ações estas que compreendem desde Projetos de Reposição Florestal / Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD), Barreira Acústica, Banco de Germoplasma, Construção do novo CETAS (Centro de Tratamento de Animais Silvestre), culminando com a elaboração do Plano de Manejo da Unidade de Conservação (em andamento). O grande projeto desenvolvido na FLONA Mário Xavier, em parceria com Universidade



Fonte das imagens: site memórias da FLONA MX

Federal Rural do Rio de Janeiro – DG –UFRRJ, podemos considerar o Projeto de extensão denominado GUARDA COMPARTILHADA, já em execução desde 2018/19 em razão de envolver tanto os alunos da UFRRJ como também as escolas públicas e a sociedade de um modo geral em palestras e caminhadas ecológicas nas Trilhas de Interpretação da Unidade, em grande trabalho de Educação Ambiental.

Segundo sua percepção, como é o relacionamento da FLONA MX com a comunidade de Seropédica? A comunidade reconhece a importância da UC?

A Floresta Nacional Mário Xavier vem desenvolvendo atividades de pesquisa junto à comunidade científica, especialmente com as universidades públicas do Rio de Janeiro, especialmente a UFRRJ. Quanto ao uso público, estamos caminhando a passos largos para alcançar a população dos Municípios de entorno, principalmente a de Seropédica. Nesse sentido, estamos priorizando os Projetos de Educação Ambiental, a fim de apresentar a esta comunidade, os atributos naturais e a importância da dinâmica da flora e da fauna no contexto conservacionista e da melhoria da qualidade de vida para esta População. Assim entendemos que a preservação ambiental caminha junto com o conhecimento.

Existem espécies endêmicas da FLONA MX? Quais são os maiores desafios na conservação dessas espécies? Quais ações a FLONA utiliza para que essas espécies sejam preservadas?

A FLONA Mário Xavier compõe uma gleba de terras de 493 hectares na área urbana do município de Seropédica, abrangendo uma população de aproximadamente 85 mil habitantes, em pleno processo de expansão urbana.

A Unidade de Conservação Federal, gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, abriga duas espécies da fauna aquática brasileira, que são endêmicas da Unidade, sendo a rã (*Physalaemus soaresi*), e o peixe das nuvens (*Notolebias minimus*) dispersas em poções de águas temporárias em números de 4 (quatro) poças representativas da Unidade, medindo aproximadamente 10.000 m² cada poça.

Consideramos que a preservação dessas áreas é de fundamental importância, tendo em vista que esses espécimes precisam ser mais bem estudados, sendo de grande interesse, sobretudo para a comunidade científica. Assim disponibilizamos uma equipe de monitoramento rotineiro de toda a Unidade, pelos Agentes Ambientais Temporários da FLONA.

O senhor acredita que é difícil trabalhar com conservação nos dias atuais, onde a natureza está cada vez mais refém da degradação humana? Para o senhor, qual o papel das UCs frente a isso?

As Unidades de Conservação Federal, Estaduais e Municipais desempenham um papel de grande relevância na preservação das Unidades de Conservação, tendo em vista que estas abrigam várias espécies da flora e fauna brasileira, além de garantir um ambiente conservado para as gerações futuras.

Consideramos que a política de desenvolvimento do globo terrestre, cada vez mais competitiva, impõe formas de vida que requer o uso cada vez maior e de forma mais rápida dos recursos naturais disponíveis, fazendo que haja uma lapidação desses recursos. Assim torna-se imprescindível a criação e regulamentação dessas Unidades de Conservação, que estão sob a égide da Legislação Ambiental restritiva.

Mutum-do-sudeste

Crax blumenbachii



SAEF DIGITAL: DESAFIOS EM PAUTA



Leonardo Amador e Ana Clara Souza

A Semana Acadêmica de Engenharia Florestal (SAEF) com o passar do tempo deixou de ser apenas um evento de complementação educacional aos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto de Florestas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Sendo construída pelo Centro Acadêmico de Engenharia Florestal em parceria de Professores(as) interessados(as), a SAEF conquistou seu público com uma ampla variedade de palestras, cursos, oficinas, mesas redondas e cine debates – onde o diálogo se fazia intensamente presente, com a apresentação de trabalhos científicos principalmente alinhados a temática do ano e por ações de integração e extensão. Essas ações contemplavam grupos internos da universidade – grupos de pesquisa e grupo PET, grupos externos – como ONG's, produtores locais, instituições e empresas do setor, e, por fim, a própria comunidade a qual a universidade está inserida, e nesse sentido, anualmente promovia-se atividades com a inclusão de crianças e adolescentes do ensino fundamental do município de Seropédica. Em resumo, o evento era baseado na tríade ensino, pesquisa e extensão.

Além disso, por ser aberta ao público muitos alunos de outros cursos de graduação e pós-graduação participavam do evento, alcançados pelo interesse em aprender mais sobre causas ambientais e do próprio mercado florestal ou engajados em participar das requisitadas atividades de escala arbórea, construções em

bambu, oficinas de reciclagem de papel, entre várias outras.

Essencialmente em 2020 e 2021 a SAEF foi adaptada ao modelo remoto em função do contexto atual, onde no dia 11 março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS), em resposta ao súbito e exponencial aumento de casos de COVID-19 em todo mundo, decretou o início da Pandemia do vírus SARS-CoV-2, o que levou a uma interrupção temporária das atividades não essenciais na grande maioria dos países para desaceleração da taxa de contágio do vírus. Especificamente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) todas as atividades administrativas e acadêmicas foram suspensas por um prazo indeterminado no dia 13 de março de 2020, demonstrando a rapidez com as quais as medidas foram tomadas.

Nesse sentido, a Semana Acadêmica de Engenharia Florestal, tal qual outros eventos similares, foi remodelada com a centralização do evento em torno de uma temática atual e de interesse do seu público, com presença também de público externo à comunidade acadêmica da UFRRJ – visto que o formato digital da SAEF encurtou as distâncias físicas, e com redução da quantidade de atividades que eram realizadas, já que muitas delas só fariam sentido no cenário presencial e a maioria dos espectadores já estavam sendo intensamente demandados por atividades remotas.

Em 2020 a XIX edição da SAEF, primeira ocorrendo inteiramente de forma remota, foi realizada pela plataforma StreamYard com transmissão direta para o YouTube pelo canal do CAEF - UFRRJ e o tema foi "IMPACTOS DA PANDEMIA NA ÁREA FLORESTAL". O evento ocorreu de forma inteiramente gratuito e aberto para todos os cursos da UFRRJ e outras Instituições de Ensino do Brasil, além de ter garantido acessibilidade com a presença de intérpretes de libras do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFRRJ.



Da mesma forma, em 2021, a XX SAEF seguiu o formato online do ano anterior devido à pandemia, oferecendo cinco dias com muita troca de conhecimento e vivências. Também transmitida pelo canal do CAEF no Youtube, o tema foi "TECNOLOGIAS E ATUALIDADES NO SETOR FLORESTAL – A MULHER COMO PROTAGONISTA", escolhido cuidadosamente pela comissão organizadora que percebeu a escassez da presença feminina como palestrantes em edições anteriores da Semana Acadêmica.



A cerimônia de início ocorreu no dia 04 de outubro, contou com a presença da coordenadora geral e professora Claudia Moster, relatando a importância do projeto de extensão "Mulheres nas Ciências Florestais", e também dos professores do Instituto de Florestas André Nunes e Jarbas Queiroz que destacaram a relevância das interações entre Graduação e Pós no IF. O professor Roberto Lelis fechou a mesa de abertura apresentando dados da ONU sobre gênero e objetivos do desenvolvimento sustentável, enfatizando os efeitos da semana acadêmica para os estudantes que estão em processo de formação profissional.



Ademais, as seguintes atividades foram sucedidas ao longo dos 5 dias: a palestra "CAMINHOS DA PÓS GRADUAÇÃO – PERSPECTIVA DISCENTE EM MEIO À PANDEMIA" com a presença da discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais Norma Maciel; A palestra "O POTENCIAL DA AGROFLORESTA NA RESTAURAÇÃO DE TERRA E DE GENTE", que contou com a presença da Engenheira Florestal Jessica Puhl Croda, com experiência em pesquisa e extensão em SAFs voltados para a Agricultura Familiar e Agroecologia, além de estudos em Restauração Ecológica.

A roda de conversa "A MULHER NOS GRANDES SETORES DA ENGENHARIA FLORESTAL", sendo realizada em parceria com o projeto de extensão "Mulheres nas Ciências Florestais", utilizando-se de algumas questões norteadoras do tema para o início da discussão e contando com a presença da Maria Harumi Yoshioka (Presidente da Rede Mulher Florestal e Gerente de Responsabilidade Socioambiental e Fundiário da Arauco do Brasil), Amanda Nodari (Eldorado Brasil e influencer "Minuto Florestal"), Ana Gabriela Oliveira do Carmo (gestora de unidades de conservação pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente da cidade do Rio de Janeiro, graduada pela UFRRJ), Fátima Conceição Márquez Piña-Rodrigues (docente e criadora do curso de engenharia florestal da UFSCAR, ex-docente do IF da UFRRJ).



A palestra "IMPACTOS DO DESMATAMENTO", com a presença da Engenharia Florestal Ana Margarida de Castro Euler e a palestra "USO DE VANTS EM ESTUDOS AMBIENTAIS", que contou com a convidada Engenheira Florestal Ana Paula Dalla Corte (docente da UFPR).

Antes do encerramento, foi apresentada a Atividade Cultural vinculada à XX SAEF, intitulada "Concurso de Fotografia". O objetivo foi incentivar os alunos a participarem e se engajarem nas atividades promovidas pelo CAEF. Foram recebidas 11 fotos e a mais curtida, na página do CAEF da rede social Instagram, foi a vencedora.

Então, por fim, os membros do CAEF apresentaram os resultados da realização da XX SAEF, realizaram agradecimentos aos professores e discentes envolvidos na organização da Semana Acadêmica, e uma apresentação de divulgação do CAEF para motivar a participação dos alunos. Também foi realizada homenagem póstuma, à discente Misiara Silvestre e ao professor Dr. Acácio Geraldo. A SAEF foi finalizada pelos membros do CAEF, Beatriz Queiroz Demarco e Nathália Augusto dos Santos.



Entrevista com o CAEF

Nós do PET Floresta, tivemos o prazer de participar de muitas edições do evento e com essa nova abordagem remota não foi diferente. Desse modo, conversamos com a Vice-Presidente do Centro Acadêmico de Engenharia Florestal, Ester Muniz, para entender um pouco melhor sobre a construção e realização do evento de forma remota, principalmente sobre a 20ª edição da SAEF, que teve como tema Tecnologias e Atualidades no Setor Florestal – A Mulher Como Protagonista.

Como foi a construção do evento? E qual foi o impacto que as anteriores mesas redondas "Des(igualdade) na Engenharia Florestal?" e "A Mulher na Engenharia Florestal" tiveram nesse processo?

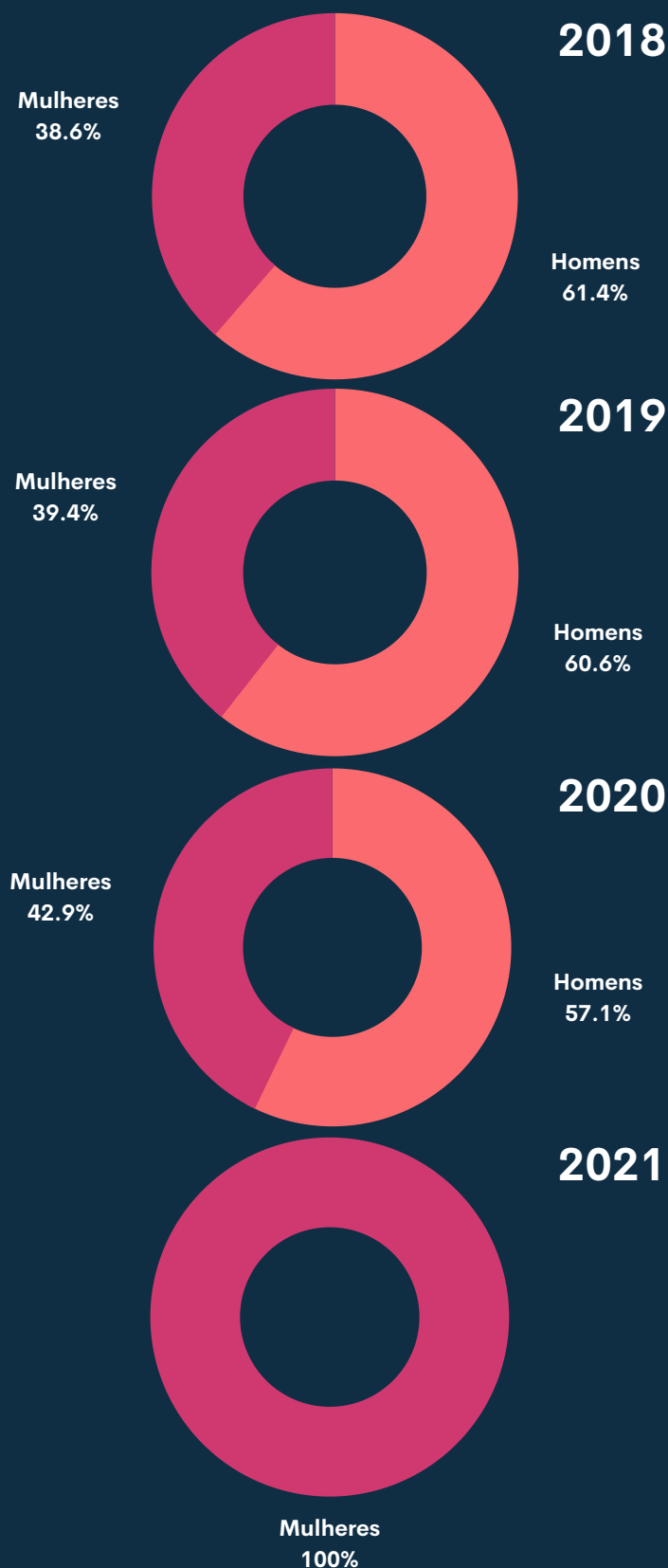
As atividades anteriores não tiveram influência na construção do modelo feminino em nossa XX SAEF. Em 2020 tivemos a grande oportunidade e privilégio de receber a Ex-Ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, porém esse foi um evento isolado. Nosso processo de construção focado na profissional mulher foi uma reflexão que fizemos quando estávamos pesquisando edições anteriores e só nos deparamos com um público palestrante, em peso, masculino, e por isso decidimos mudar isso.

Como foi a escolha dos temas e das palestrantes?

Como nossa amada SAEF estava fazendo aniversário, decidimos realizar uma edição comemorativa retornando com diversos temas de grande relevância de SAEF's antigas, mas com a inovação e tecnologia atuais. Ao longo do nosso processo criativo, percebemos que em nenhum evento da SAEF havia uma presença forte de palestrantes mulheres. E por isso, ousamos levantar o maior dos desafios: organizar e realizar uma Semana Acadêmica composta com 100% de palestrantes mulheres. Não foi um desafio fácil ou rápido, mas com uma rede de apoio entre nós, conseguimos superar os desafios e encontrar profissionais incríveis nas áreas que iríamos abordar. Um fato que nos deu uma energia extra durante todo esse processo, foi ter uma docente mulher coordenando a SAEF ao nosso lado. A professora Cláudia Moster nos deu muito apoio,

críticas construtivas, ensino além da universidade e o resultado foi muito mais do que esperávamos.

Diversidade feminina entre palestrantes da SAEF de 2018-2021



O objetivo e o público-alvo do evento foi alcançado? E como o CAEF avalia a participação dos discentes e docentes de Engenharia Florestal da UFRRJ?

Em partes sim, pois conseguimos captar diversos alunos de Engenharia Florestal de diversos estados do Brasil. Porém a adesão dos alunos da própria UFRRJ, em especial no curso de Engenharia Florestal, foi um desapontamento que não estávamos esperando. Separamos diversas semanas com foco em trabalhar no marketing da Semana Acadêmica, engajar nas redes sociais, alcançar o maior número de discentes e docentes possível, compartilhamos diversas vezes os prazos e links das palestras nos grupos do curso e no e-mail institucional, porém os alunos de Engenharia Florestal não compareceram em peso em nosso evento. Isso foi como um alarme em nossas mentes, e um aviso para reflexão de como os discentes veem os trabalhos realizados pelo Centro Acadêmico, que por sinal, é feito de forma totalmente voluntária, e isso entristece muito o movimento estudantil, que está constantemente trabalhando para proporcionar atividades extracurriculares de suma importância para a carreira dos discentes, e não estão aproveitando a oportunidade.

Tendo em vista a adaptação ao sistema remoto, achamos interessante entender como esse processo aconteceu com o PET Floresta em relação à SAEF. Nesse sentido, entramos em contato com o egresso do grupo, Erikli Amorim, e com a atual membro do PET Floresta, Ana Lúcia Ormond, para comentar sobre a importância da participação do grupo nesse evento tão importante para nós, além de entendermos um pouco mais como esse processo evoluiu ao longo dos dois últimos anos.

Erikli destacou sobre a transição para o modelo online do evento e o quanto o grupo agregaria na edição de 2020. *"Em 2019, já dentro do grupo (PET Floresta), servimos de apoio no evento durante o credenciamento e também no registro de presença das atividades. Em 2020, na primeira edição online, estive na organização enquanto membro do CAEF e foi um desafio e tanto reestruturar um evento de tamanha importância para o curso em tais condições. Em 2020 também, foi a primeira vez que não presenciei o apoio oficial do PET Floresta na SAEF (...) O PET Floresta passou por uma reestruturação interna com foco no externo no começo da pandemia, seria o grupo ideal para somar na capacitação do CAEF para a realização do evento."*

Já em 2021, *"(...) os membros do PET demonstraram uma boa adaptação ao formato online, o que foi fundamental para fazer mais uma vez essa parceria com o CAEF",* comenta Ana Lúcia. *"Assim, a contribuição foi na publicação da lista de presença no chat ao vivo do canal de transmissão da XX SAEF, e uma divulgação ampla e antecipada das palestras e mesas, por meio das redes sociais do grupo. Isso ampliou a visibilidade e possivelmente a adesão de mais pessoas. Além dessa participação, os membros foram às atividades como ouvintes e alguns se inscreveram para o concurso de fotografia. Esse aspecto traz não somente o conhecimento e aprendizado sob o assunto em questão, como de maneira mais ampla e indireta, e principalmente possibilita uma integração bem bacana das pessoas envolvidas. De forma geral, o feedback é sempre positivo e o desempenho é grande e relevante, para ambos (PET e CAEF) mesmo sem participação de todos do grupo"*



Lobo-guará

Chrysocyon brachyurus

PROF. DR. ROGÉRIO LUIZ DA SILVA

 Leonardo Amador Cruz



Com o intuito de familiarizar os estudantes no início do curso de Engenharia Florestal com os professores que compõem o corpo docente do mesmo, de modo a possibilitar uma maior integração, o PET Floresta busca entrevistar em cada edição de seu jornal um professor do Instituto de Florestas.

Nesta edição trouxemos como entrevistado, o professor Rogério Luiz da Silva, do Departamento de Silvicultura. Ele possui graduação em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) em 1999. Onde também obteve o título de Mestre em Ciência Florestal em 2001, e em 2009 o título de Doutor em Ciência Florestal, possui ampla experiência na área de Recursos Florestais, Silvicultura e Tecnologia Florestal, com ênfase em Melhoramento Genético Florestal, Silvicultura Clonal e Biotecnologia Florestal, além disso, também atuou no mercado formal como Pesquisador Florestal em grande empresa multinacional do setor de celulose e papel.

"[...]A partir desse momento me apaixonei pela Engenharia Florestal, me dediquei integralmente ao curso, passei em todas as disciplinas, fiz estágio na Celulose, depois Iniciação Científica na Patologia Florestal (matéria mais difícil do curso), estágios em multinacional, participei da Empresa Júnior, aula de Inglês e dança de salão. Isso tudo serviu para descobrir o meu perfil profissional e direcionar a área de atuação no final do curso."

Nos conte um pouco sobre a sua trajetória como estudante e profissional, como se interessou pelo curso de Engenharia Florestal, destacando se participou de algum grupo de extensão ou empresa júnior durante a graduação e se fez estágio ou atuou em empresas do setor florestal?

A Engenharia Florestal não era a minha primeira opção profissional, mas eu venho de escola pública e com pouca condição financeira, o que limitava as minhas pretensões. Então a Engenharia Florestal surgiu como uma porta de entrada para

uma Instituição

Federal com

estrutura e com

prestígio. No

entanto, eu

era filho de

agricultor e

fui gostando

do curso. No

início, era tudo

muito difícil e novo

(microscópio,

computador, "integral",

"derivada", etc.), pensei

em desistir várias vezes até que a minha "sábia mãe" me ofereceu uma oportunidade/emprego de ajudante de pedreiro, conhecido como servente. A partir desse momento me apaixonei pela Engenharia Florestal, me dediquei integralmente ao curso, passei em todas as disciplinas, fiz estágio na Celulose, depois Iniciação Científica na Patologia Florestal, estágios em multinacional, participei da Empresa Júnior, aula de Inglês e dança de salão. Isso tudo serviu para descobrir o meu perfil profissional e direcionar a área de atuação no final do curso.

"Também é verdade, que quando me graduei no fim de 1998 estávamos em uma grande crise financeira, com pouquíssimas oportunidades de emprego. O mestrado seria, naquele momento, uma alternativa interessante de capacitação e eu estava preparado para ele"

O que te motivou a realizar o mestrado e o doutorado, e como foi a sua aproximação com a UFRRJ até se tornar docente?

Eu já fazia Iniciação Científica e participava de um grande laboratório de pesquisa da Universidade: então, ingressar no mestrado era o meu caminho natural. Também é verdade, que quando me graduei no fim de 1998 estávamos em uma grande crise financeira, com pouquíssimas oportunidades de emprego. O mestrado seria naquele momento, uma alternativa interessante de capacitação e eu estava preparado para ele, com experiência em

pesquisa,

publicação

científica,

notas boas

e bons contatos

com diversos

professores.

Ao final do

mestrado,

o cenário

econômico já

havia melhorado,

quando surgiu o

processo seletivo em uma

das unidades da empresa que eu já tinha feito estágio. Foi aí que decidi com meu orientador participar do referido processo seletivo e fui contratado sem concluir totalmente o mestrado. Nessa empresa, pude realizar o meu sonho de trabalhar no setor produtivo e entender a organização profissional. Após quatro anos trabalhando, optei por sair e cursar o doutorado. Em 2009, quando acabei o doutorado, surgiu o concurso na Rural, que até então só conhecia por ouvir falar, nunca tinha tido a oportunidade de visitar pessoalmente.

Quando aluno, como foi o processo de descoberta da sua afeição pelas áreas de Melhoramento Genético Florestal, Silvicultura Clonal e Biotecnologia Florestal, sempre soube? Durante a graduação, quais experiências foram mais relevantes e te influenciaram a querer atuar nessa área?

Não, eu desconhecía a importância dessa área no setor florestal. No início, fui trabalhar em laboratórios, que além do oferecimento da bolsa, permitiu conhecer pessoas boas (professores, alunos de pós-graduação, colegas, etc.) que me auxiliaram e me apresentaram às outras áreas do curso. Apesar de gostar do laboratório, percebi que possuía mais afinidade com o campo, com o sol, me sentia bem ao lidar com pessoas na realidade prática. Mas, sem dúvida, foi no estágio que pude perceber que o melhoramento genético permeava todos os setores da empresa, que eu estagiava, desde o Viveiro até o Processamento da Madeira e isso me deixou muito interessado e motivado, o que me fez voltar para a universidade e me aproximar da área de melhoramento.



"Apesar de gostar do laboratório, percebi que possuía mais afinidade com o campo, com o sol, me sentia bem ao lidar com pessoas na realidade prática."

Como avalia a importância das disciplinas que leciona na formação do Engenheiro Florestal?

Por incrível que pareça, acreditem, todas as disciplinas são importantes! Fui coordenador de Curso; pertenço ao NDE (Núcleo Docente Estruturante); faço parte de outros Colegiados; já participei e participo ativamente de várias comissões envolvidas com o ensino e gostaria de dizer: - O arranjo das disciplinas é pensado para a formação geral de um profissional, dentro de um Projeto Pedagógico de Curso (PPC) que tem espaço para outras atividades, até de dar ênfase em determinadas áreas com mais afinidade pessoal para o discente. Faço um apelo aqui: - Não acreditem naquelas pessoas que desconhecem o PPC, elas não sabem o que falam, não tem conhecimento sobre a causa. Isso não quer dizer que não temos problemas com disciplinas, mas isso é uma busca de melhoria contínua. Agora, falando especificamente das disciplinas que leciono, acho que elas são importantes, principalmente para aqueles que querem trabalhar com povoamentos florestais produtivos (grandes empresas/negócio florestal). Mas nesse caso específico, busca-se toda uma postura profissional além dessas disciplinas, que, de certa forma, são oferecidas em todos os cursos no Brasil.

Quais os principais projetos que está desenvolvendo atualmente na Rural, considerando ensino, pesquisa e extensão?

Além das disciplinas que ministro na graduação (Engenharia Florestal e Agronomia) e pós-graduação, desempenho atividades administrativas como Subchefe do Departamento de Silvicultura (DS), no Colegiado da Agronomia, no NDE da Floresta, Comissão de Estágio, Comissão Permanente de Avaliação Docente do Departamento de Silvicultura, entre outras. Participo do Laboratório de Recursos Genéticos Florestais no núcleo de Biotecnologia Florestal e oriento estágios e monografia na área de melhoramento. Atualmente, estamos firmando um convênio com a empresa GELF (antiga Plantar) via Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica da UFRRJ (FAPUR) para desenvolver trabalhos voltados para o desenvolvimento da Silvicultura de Precisão nas unidades da empresa.

Em breve retomaremos as atividades presenciais, nesse sentido, para os discentes que tiverem interesse em participar de alguma das linhas de pesquisa em que o senhor atua, quais são os requisitos necessários e como ele deverá proceder?

O requisito necessário é ter interesse e nos procurar.

"O requisito necessário é ter interesse e nos procurar."

Como docente ativamente em contato com a universidade, quais foram as mudanças significativas que o senhor acha que aconteceram desde seu tempo de aluno, em relação a recursos e oportunidades para o ensino, pesquisa e extensão, e o que acha que ainda poderia melhorar?

Eu não me formei na Rural, então não posso falar com propriedade sobre as mudanças que ocorreram na instituição. Mas de modo geral, acho que as principais modificações ocorreram por meio da forma de entrada nas universidades, seja pelo SISU ou pela democratização do acesso. A instituição não se preparou totalmente para o



aumento da demanda estrutural e para modo de lidar com um novo perfil do ingressante, que muitas vezes desconhece ou não tem relação com a área escolhida, aumentando os índices de evasão. Acho que ainda podemos melhorar muito. Em função da minha formação e das experiências que adquiri, tendo a acreditar em uma formação de excelência e para isso temos que ser pragmáticos, focar no perfil que queremos para o nosso egresso, considerando as nossas potencialidades (forças). Para ser sincero, acredito mais no ensino, pois acho que sem uma base forte não teremos uma pesquisa interessante e tampouco uma extensão relevante. Nesse sentido, penso que a atualização do PPC que já está em andamento contribuirá para o aprimoramento do nosso curso.

Quais os impactos gerados pela pandemia do COVID-19 nos projetos em desenvolvimento e na própria ministração das aulas? Qual foi a maior dificuldade enfrentada nesse momento de Ensino Remoto Emergencial?

Os impactos foram muitos, alguns são até incalculáveis. Tínhamos um projeto de extensão que visava divulgar o Curso de Engenharia Florestal em escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, o qual não teve continuidade. As aulas perderam grande parte das atividades práticas e principalmente, perdeu-se a interação aluno-professor, que no meu modo de ver é uma grande oportunidade de desenvolvimento profissional de ambos. Esse tipo de relação favorece a construção dos elos profissionais, o tão falado network (rede de trabalho); ou seja, coisas muito além do processo o ensino-aprendizagem. Nessa conjuntura, alunos irão se formar sem ter conhecido pessoalmente todos os professores, uma lástima ao meu modo de ver.

"Tivemos e teremos novos desafios, mas precisamos ser resilientes, uma importante característica típica das florestas. É necessário fazer desse recomeço uma oportunidade para planejar a carreira profissional de cada um, de acordo com o seu perfil (autoconhecimento) e de suas legítimas ambições futuras."

Tem alguma sugestão/conselho que gostaria de dar para os nossos discentes?


Sim. Gostaria de deixar uma mensagem de tranquilidade nesse período turbulento que vivenciamos. Tivemos e teremos novos desafios, mas precisamos ser resilientes, uma importante característica típica das florestas. É necessário fazer desse recomeço uma oportunidade para planejar a carreira profissional de cada um, de acordo com o seu perfil (autoconhecimento) e de suas legítimas ambições futuras. Busque se qualificar, mas sobretudo se capacitar, desenvolva uma postura profissional em todas as atividades realizadas aqui na Rural. Se não souber fazer isto sozinho, busque apoio com a família, com a vizinhança, com colegas, professores, livros, etc. Pronto, falei.

A close-up photograph of a brown tapir (Anta-brasileira) in a grassy field. The tapir is leaning down, eating several bright orange carrots scattered on the ground. The background is a blurred green forest. A white text box is overlaid on the right side of the image.

Anta-brasileira

Tapirus terrestris

PET NOS EVENTOS

 Emily Moraes

O PET Floresta esteve presente em uma série de eventos que ocorreram dentro e fora da universidade, submetendo resumos, apresentando trabalhos e divulgando as atividades realizadas. A presença do grupo na apresentação de trabalhos científicos é importante para que os membros possam experienciar um dos três pilares do PET, que é a pesquisa. Além disso, as trocas e conhecimentos adquiridos são de suma importância para o amadurecimento profissional e acadêmico dos membros.

SNCT – Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) ocorreu entre os dias 4 e 8 de outubro. Essa edição do evento trouxe como tema “a Transversalidade da Ciência, Tecnologia e Inovações para o planeta”, sendo realizadas palestras, minicursos, mesas redondas e amostras científicas de trabalhos produzidos na UFRRJ.

No dia 7 de outubro o grupo PET Floresta esteve presente, sendo representado pelos integrantes Ana Quelly Anacleto, Nilton Louvem e Matheus Henrique. A apresentação ministrada por eles trouxe para a comunidade uma explicação sobre o que é o programa de educação tutorial e o histórico de feitos do PET Floresta no que diz respeito aos últimos 4 anos de atuação, trazendo as atividades realizadas antes e durante a pandemia.

VIII RAIC – Reunião Anual de Iniciação Científica da UFRRJ

A VII RAIC (Reunião Anual de Iniciação Científica 2020 – Ciência & Tecnologia em

tempos
26 | Rural Florestal | Fev, 2022



de pandemia) ocorreu entre os dias 9 e 14 de agosto de 2021, junto a XXX Jornada de Iniciação Científica, VIII Semana de Pesquisa, Tecnologia e Informação (SePTI 2020) e II Reunião Anual de Iniciação em Inovação e Desenvolvimento Tecnológico (RAIDTec 2020). O evento aconteceu online e o espaço criado proporcionou uma troca de experiências e informações entre discentes, docentes e pesquisadores, por meio da apresentação e discussão de trabalhos desenvolvidos na UFRRJ.

O PET Floresta participou através do resumo intitulado “Práticas extensionistas em educação ambiental pelo PET Floresta nas redes sociais, no contexto do primeiro ano de pandemia,” apresentado pelo petiano Matheus Henrique e de autoria do mesmo junto à petiana Tatiane Vieira e da tutora Vanessa Basso. As apresentações no evento se deram por meio de vídeos com duração de três minutos para cada trabalho, os vídeos foram enviados com antecedência e foram transmitidos pelo canal do YouTube, e ainda se encontram disponíveis para serem assistidos.



SIGABI – 10º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade

A décima edição do Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro ocorreu entre os dias 9 e 11 de novembro de 2021. Devido à pandemia da covid-19 também foi realizado pela modalidade remota. O evento foi voltado para graduandos, pós-graduandos, pesquisadores, professores e profissionais que atuam na área ambiental.

O PET Floresta participou através da submissão do resumo intitulado "Avaliação do ciclo de palestras online "floresta em casa" do grupo PET Floresta" onde foram apresentados os resultados da avaliação das palestras que foram realizadas no período entre abril de 2020 e agosto de 2021, pelo PET Floresta de maneira remota, a partir da atividade denominada "floresta em casa", onde foram convidados profissionais da área florestal para discutir e abordar temas atuais que abrangem nossa área de estudo e trabalho.

A apresentação do resumo também se deu através da gravação de um vídeo, sendo o trabalho apresentado pelo membro William.

ENAPET – XXVI Encontro do Programa de Educação Tutorial

A XXVI edição do ENAPET foi realizada pela Universidade Federal do Amazonas em parceria com o Instituto Federal do Amazonas, ocorrendo entre os dias 25 e 30 de outubro de 2021.

O evento reuniu todos os grupos do programa de educação tutorial, de várias instituições de ensino superior. Também participaram membros de outros programas com similar atuação ao PET.

Realizado remotamente, os membros do PET Floresta durante esses dias puderam se inscrever e participar de diferentes grupos de discussão, para conversar sobre temas importantes e recorrentes dentro dos grupos PET, trocar experiências com os outros grupos e debater soluções para eventuais deficiências no funcionamento dos grupos.

O tema do ENAPET 2021 foi "O PET resiste: a educação não pode parar", o evento trouxe uma reflexão das conquistas do PET durante sua trajetória e a importância do programa no fortalecimento do ensino superior público brasileiro.

O PET Floresta também participou com a submissão do resumo intitulado "Percepção dos egressos sobre a vivência no programa e a contribuição para as suas vidas" que foi apresentado pelos membros Matheus Henrique e Nilton Júnior. O estudo trouxe uma análise de quais foram os frutos gerados pelo PET Floresta na formação e na vida dos egressos do programa.



PET
Floresta

Programa de Educação Tutorial

PET Floresta UFRRJ

Formação através de Vivências em Atividades Florestais Sustentáveis



petfloresta



PET Floresta Rural



petflorestaufrrj



PET Floresta

Texto e Edição:

Ana Clara Souza

Julia Rodrigues

Leonardo Amador

Emily Moraes

Tutora:

Vanessa Maria Basso

Edição 25

Fev, 2022